

## **Sensacionalista: entre a ficção e a realidade<sup>1</sup>**

Ivan Carlo Andrade de Oliveira <sup>2</sup>

Universidade Federal do Amapá, Macapá - AP

### RESUMO

O site Sensacionalista surgiu em 2009 com a proposta de unir jornalismo e humor, criando notícias falsas com tom humorístico. Com isso, o site rompeu com a divisão comum entre notícia e entretenimento, real e ficcional. Em uma realidade em que simulacro e real se misturam, as notícias veiculadas pelo site chegam até mesmo a ser tidas como verdadeiras, provocando até mesmo casos de polícia. O objetivo do artigo é analisar como o Sensacionalista lida com essas instâncias opostas, aproximando-se do chamado infotimento e, ao mesmo, tempo, refletindo sobre a imagem clássica do jornalismo, calcada na Teoria do Espelho, que em muitos casos esconde os verdadeiros objetivos dos veículos de imprensa.

**Palavras-chave:** Sensacionalista, Ficção-realidade, infotimento

### 1 Introdução

Vivemos em um mundo em que as separações entre as coisas vão se esvanecendo. Cada vez diminuí a fronteira entre a realidade e a ficção. Se antes essa separação era nítida e demarcada, hoje ela parece diminuir a cada dia. Pessoas confundem atores de novelas com seus personagens, notícias falsas com verdadeiras. Da mesma forma, a separação entre o sério e o humorístico se esvai. Se antes o jornal era visto como o domínio da seriedade, da verdade e oposto do humor e do entretenimento, hoje esses elementos vão cada vez mais se tornando desassociáveis.

Um site que sintetiza isso é O Sensacionalista. Criado para satirizar os jornais “sérios”, ele se tornou famoso, foi constantemente tomado como verdadeiro e muitas vezes pautou outros veículos.

O objetivo deste artigo é analisar como O Sensacionalista transita entre esses polos divergentes e como ele reflete a questão da realidade e da ficção.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Amapá. Doutorando da FAV-UFG, email: profivancarlo@gmail.com

## 2 Realidade x ficção

Existe uma ideia preconcebida de que ficção representa o oposto da realidade. O senso comum vê a ficção como produto da imaginação, uma prima nobre da mentira. Já a realidade é vista como algo externo ao observador, concreto, absoluto e imutável. A realidade, portanto, seria o oposto da ficção.

Para Duarte Júnior (1989, p. 29),

Quando saímos do cinema ou quando acordamos de um sonho, por exemplo, experimentamos a passagem de uma a outra dessas áreas distintas da realidade. O filme (a arte) e o mundo onírico apresentam-nos elementos que nossa consciência não mistura nem confunde com aqueles provenientes da vida cotidiana (...) a vida cotidiana à qual retornamos sempre é considerada por nós a realidade por excelência, a realidade predominante.

A citação destaca essa visão genérica, em que realidade é o oposto do ficcional. Assim, a ficção se confunde com o sonho, a utopia e até a loucura: “Ficção seria, pois, criação da imaginação, da fantasia, coisa sem existência real, apenas imaginária. É por isso que quando alguém não acredita em algo que você diz, replica logo: - Isso é ficção” (WALTY, 1985, p. 15).

Já o mundo “real” é visto como algo pronto, externo ao observador.

Esse modo de ver é representado pela corrente filosófica representativista, em que o conhecimento gerado pela nossa observação do mundo é uma representação fiel de uma realidade independente do conhecedor: “Segundo essa teoria, nosso cérebro recebe passivamente informações vindas já prontas de fora (...) O mundo conteria ‘informações’ e nossa tarefa seria extrai-las dele por meio da cognição”. (MARIOTTI in: MATURANA, 2001, p. 7-8)

Walty adverte que essa separação ganha contornos sociais, fazendo com que a ficção seja desvalorizada:

Quando se proíbe a leitura dos quadrinhos, por exemplo, pais e professores argumentam que tal leitura é empobrecedora, atrapalha o desenvolvimento da linguagem, desvia o menino das coisas “sérias”. Observamos que a sociedade está dividida em dois segmentos distintos: as coisas “sérias” ligadas ao trabalho, à técnica, à ciência, ao progresso etc – e as coisas não “sérias”, ligadas à diversão, ao lazer, ao riso, à fantasia. Admite-se a fantasia como forma de diversão, de descanso, de lazer para satisfazer uma necessidade humana, mas há que se estabelecer limites para a fantasia não ameaçar o real, para o riso não desrespeitar o sério. (WALTY, 1985, p. 29-30)

O discurso ficcional é, assim, a antítese da verdade, numa dicotomia que se estende pelos mais variados aspectos da vida:

Rejeitando o discurso ficcional, a sociedade garante a outros discursos o estatuto de sacralização, caracterizando-os como objetivos, como sérios, portadores de verdade irrefutáveis. Estes textos – o histórico, o científico, o jornalístico, o religioso – não se querem contestados. (WALTY, 1985, p. 52)

Edgar Morin lembra que essa dicotomia é um risco para a ciência, que, assim perde um de seus aspectos mais relevantes, já que até mesmo a construção de hipóteses, elemento básico do fazer científico, é um exercício de imaginação:

A imaginação, a iluminação, a criação sem as quais o progresso das ciências não teria sido possível, só entravam na ciência às escondidas: não eram logicamente assimiláveis e eram sempre epistemologicamente condenáveis. Falava-se delas nas biografias dos grandes sábios, mas nunca nos manuais e tratados, de que no entanto a sombria compilação, como camadas subterrâneas do carvão, eram constituída pela fossilização e pela compreensão de que, em primeiro lugar, tinham sido fantasias, hipóteses, proliferação de idéias, invenções, descobertas. (MORIN, 1995, p. 81)

Segundo Trinta (apud BORGES, 2014, p. 80), o advento do racionalismo fez com que a oposição entre realidade e ficção tomasse contornos ainda maiores:

Poesia, arte e ficção seriam progressivamente desqualificadas como modos de conhecimento da realidade, passando a habitar um terreno quase etéreo: lugar de fantasia para o artista ou de metafísica para o intelectual. Do outro lado habitariam as ciências dos homens sensatos e progressistas, com suas leis e seus postulados de objetividade, racionalidade ou referencialidade cumprindo funções utilitárias.

Visto sob esse ponto de vista, a realidade é o oposto da ficção. Realidade passa a ser o verdadeiro, concreto, em oposição ao ficcional, equivalente a sonho, mentira, loucura, fingimento.

No entanto, como lembra Ivete Lara Walty (1986, p. 5), “Lendo sempre, poderá se surpreender ao perceber o quanto a ficção esconde a chamada realidade e, como, através da ficção, pode-se desvendar o real enquanto processo, fruto das relações dos homens entre si e com a natureza”.

No entanto, no mundo contemporâneo, ficção e realidade deixam de ser vistos como opostos e cada vez mais se torna tênue a linha que separa um do outro.

A própria questão do que *é*, daquilo que *é verdadeiro* ou não, é colocada em jogo. E as novas tecnologias colaboraram em muito para isso. Hoje é muito fácil adulterar dados, manipular imagens e criar perfis virtuais que podem se passar perfeitamente como algo que, de fato, existe; algo real, tão real quanto a própria realidade. (SCHABBACH, 2014, p. 2)

Esse mundo em que realidade e ficção se unem é produto direto das novas mídias, em especial da internet e seus universos virtualizados. Pessoas participam de comunidades virtuais, mundos virtuais, com identidades virtuais e esse mundo virtual torna-se, aos poucos, mais importante que o “mundo real” “De algum modo, a linha entre o que é real e

ficcional começa a desaparecer, ao menos quando se trata de percepção”. (SCHABBACH, 2014, p.5)

Nas redes sociais, vive-se o mundo dos simulacros:

os perfis nas redes sociais tornam-se simulacros, imagens belas e hiper-reais, que encantam e muitas vezes sobrepõe a pessoa real (...). A escolha cuidadosa de fotos e até mesmo sua manipulação (Um recurso hoje fácil, muita vezes embutido na própria câmera fotográfica ou no celular), ajudam a criar esse perfil hiper-real e mais crível que a pessoa concreta. (OLIVEIRA, 2106)

Ainda segundo Oliveira (2016),

Num mundo em que se manipula cada vez mais signos no lugar de coisas, em que a propaganda nos vende um mundo idealizado e perfeito dentro de certas características, com mulheres com corpos impossíveis, sanduíches que são perfeitos e saborosos no anúncio como um sanduíche nunca será na realidade, nesse mundo, a identidade se modifica, moldando-se em torno de simulacros e da hiper-realidade.

Nas tecnologias digitais, a natureza é substituída por um simulacro. Os signos deixam ter referentes e tornam-se puros modelos.

Com a digitalização do mundo, a imagem age como um modelo dinâmico de construção do conhecimento sobre o real (e de construção de um novo “real”). (...) O modelo digital é assim, mais real que o real, fazendo desse a vítima de um crime quase perfeito. (LEMOS, 2000, p. 232)

Manuel Castells (2000, p. 399) denominou esse fenômeno de virtualidade real, “um sistema no qual a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta”.

Nas palavras de Baudrillard (1991, p. 152) os modelos deixam de ser uma projeção do real, mas tornam-se, eles mesmos, uma antecipação do real.

Como resultado dessa realidade entremeada com a ficção surgem os *hoaxes*, os boatos espalhados pela internet:

Os *hoaxes* são boatos e histórias que se passam por verdadeiros e são difundidos por rede. Em grande parte, eles se apresentam através de apelos dramáticos com cunho sentimental ou religioso, através do anúncio de algum risco iminente, como vírus ocultos no sistema operacional ou o fim da internet, por exemplo. (NUNES, 2014, p.44)

Num mundo que é cada vez mais difícil separar o que é real do que é ficcional, as pessoas aceitam notícias falsas com naturalidade, como se fossem verdadeiras, e as compartilham, sem se darem ao trabalho de checarem as informações, em especial quando essas notícias falsas vão ao encontro de seus anseios e convicções.

Os indivíduos percebem no virtual o ambiente perfeito para lhes dar uma solução aos seus anseios. Ocorre, portanto, uma supervalorização do próprio real, de modo que a relação com a realidade se modifica (...) A

partir do momento em que a própria realidade não é mais considerada real, mas uma simulação, a maneira de perceber o ficcional também se altera radicalmente. Numa época em que a própria realidade é percebida como *realidade simulada*, a ficção passa a ter o mesmo status do que esta realidade, *status* de simulação (SCHABBACH, 2009, p. 21-22)

O site Sensacionalista surgiu exatamente na esteira desse fenômeno de simulacros e como uma crítica ao sensacionalismo da imprensa. Ironicamente, o próprio Sensacionalista acabou fazendo parte dessa história ao ter suas matérias difundidas como se fossem verdadeiras, como analisaremos adiante.

## 2 O sensacionalista

O site O Sensacionalista surgiu em 2009, quando o jornalista Nelito Fernandes, ex-redator do programa de humor “Casseta & Planeta”, da TV Globo, resolveu criar um site para continuar fazendo piadas com o noticiário. A inspiração era tanto o jornal Casseta Popular quanto o site norte-americano The Onion (“A Cebola”, em português), “mural das ‘melhores notícias da América’. ‘A ideia era meio que unir essas duas coisas: fazer humor com linguagem jornalística. É uma brincadeira entre amigos” (CARVALHO, 2016).

Nelito convidou mais quatro jornalistas: Martha Mendonça, Leonardo Lanna, Vinícius Antunes e Carolina Massote. Não há uma redação ou estrutura de negócio: “o conteúdo é feito “como dá, quando dá, sem pressão, sem nenhum plano ou objetivo”, segundo o jornalista. Por esse motivo, o Sensacionalista já chegou a ficar seis meses desativado, aguardando um espaço na agenda dos redatores” (CARVALHO, 2016).

A página tinha 140 mil seguidores. Quando se aproximou a Copa de 2015, Nelito resolveu voltar a atualizá-la. O número de curtidas pulou para 290 mil e, durante a corrida eleitoral, chegou a 300 mil.

Segundo Nelito, o objetivo nunca foi circular notícias falsas como reais: “Se eu quisesse fazer isso e colocasse o nome do site de ‘Sensacionalista’, eu estaria maluco”, explica. “Mas isso [repercussão] já aconteceu por boa fé e também por má fé.” (CARVALHO, 2016)

O objetivo, nitidamente é o humor, a sátira:

O próprio nome “Sensacionalista” indica uma sátira aos jornais que se utilizam desse recurso e da espetacularização da informação, em suas notícias. O slogan “*um jornal isento de verdade*” faz um trocadilho proposital para confundir os leitores, pois não se sabe se o site é isento verdadeiramente (leva em conta opiniões de fontes diversas, procura contar a realidade dos fatos, etc.) ou, se é isento de conteúdos verdadeiros. Com um conhecimento mais aprofundado, por meio da leitura das

notícias/posts, é possível compreender que a segunda versão é a adequada à proposta do site. (...)

Outro ponto importante se refere à identidade visual do site. O nome “Sensacionalista” é utiliza a mesma tipografia do logotipo do “NY Times” e indica, mais uma vez, a sátira aos jornais sérios. (CONCEIÇÃO; DOMINGOS, 2016)

Ao utilizar o título Sensacionalista, o site brinca com a teoria do espelho e com a imagem que a maioria das pessoas têm da prática jornalística.

De acordo com José Marques de Melo, a teoria do espelho surgiu como uma reação ao sensacionalismo que caracterizava jornalismo norte-americano do final do século XIX:

Impôs-se o sensacionalismo como diretriz norteadora do funcionamento dos grandes jornais, que competiam entre si na busca dos leitores. Os princípios éticos mais elementares, prescrevendo a conduta dos cidadãos numa sociedade puritana como a norte-americana, foram deixados de lado. Ocorreu, então que, do ponto de vista jornalístico, a fidedignidade dos fatos deixou de ser referencial para a difusão de notícias. Acontecimentos passaram a ser forjados ou artificialmente gerados, para criar reportagens sensacionais. (MELO, 1986, p. 99)

A ideia por trás da teoria do espelho, surgida como antítese do sensacionalismo, era de que o jornalista deveria ser como um fotógrafo, apenas registrando e relatando os fatos de maneira objetiva e imparcial.

Para a teoria do espelho, o jornalismo deve apenas refletir a realidade, como um espelho. A função do jornalista seria apenas transpor os fatos para os jornais.

Assim, o que lemos nos jornais seria apenas um reflexo da realidade, um relato objetivo e imparcial dos acontecimentos.

Entretanto, como o tempo ficou claro de que esse discurso muitas vezes se transforma numa maneira de camuflar os verdadeiros objetivos editoriais:

O discurso da objetividade jornalística constantemente se caracteriza como um mecanismo de defesa, camuflando o que na realidade se almeja. Segundo Kunczik (2001, p. 258), há uma “grande disparidade entre o que se diz e o que se faz”. Esse discurso pode esconder, inclusive, iniciativas de manipulação e deturpação de informações. (OLIVEIRA, 2013, p. 14)

Além disso, essa visão objetiva da realidade, esse relato imparcial é uma quimera, cada vez mais criticada pelos pensadores do jornalismo. Segundo Traquina (2001, p. 6),

É impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os mídia noticiosos, que devem refletir a realidade porque as notícias ajudam a construir a realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta de significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutra é impossível.

A teoria do espelho ajudou a formar também uma ideia de como deveria ser o trabalho jornalístico e como deveria ser o jornalista. Nessa visão, o jornalista é visto como alguém sério e respeitável, estabelecendo uma dualidade, em que informação estaria de um

lado e humor e diversão do outro. Segundo Oliveira (2015), “A imagem que os jornalistas fazem de si mesmo e passam para o público é de que são sérios e respeitáveis. Essa imagem poderia prejudicada pela introdução do humor, o que talvez explique a resistência”.

Entretanto, diversão não é o oposto de informação. Entretenimento é apenas aquilo que entretém e afasta o tédio. O oposto de entretenimento não é informação, mas sim aquilo que não agrada, que não diverte.

Para demonstrar a quebra entre essa divisão entre informação e diversão surgiu o neologismo infotainment:

O neologismo infotainment, formado, na língua inglesa, a partir da junção/superposição de duas expressões que caracterizam duas áreas até então distintas da produção cultural, a informação e o entretenimento, tem se espalhado pela produção científica da área da Comunicação, seja nos Estados Unidos e Inglaterra, seja no Brasil e na França, onde em geral mantém-se no original inglês. No Brasil, o fenômeno é evidente tanto do ponto de vista da utilização de marcas do jornalismo por uma ampla variedade de produtos que não são reconhecidos como telejornalísticos (...), quanto pela cada vez maior utilização, no telejornalismo, de recursos narrativos, dramáticos, audiovisuais comuns às esferas do entretenimento.(GUTMANN; SANTOS; GOMES, 2011)

Fabiana Angélica Dejavite traduziu o termo como Infotenimento. Segundo ela,

Tradicionalmente, sabemos que sempre coube ao jornalismo o papel de informar e formar a opinião pública sobre o que acontece no mundo real, com base na verdade, nas coisas que acontecem a nossa volta. Já o entretenimento destinou-se a explorar a ficção, chamar atenção e divertir as pessoas. (DEJAVITE, 2006, p. 72)

Entretanto, “A fronteira entre jornalismo e entretenimento nunca foi nítida e a sobreposição é quase inevitável nos dias atuais” (DEJAVITE, 2006, p. 72).

Assim o infotenimento seria a junção entre jornalismo e divertimento.

O Sensacionalista seria o resultado mais óbvio dessa junção. Ao satirizar as notícias, criando versões fakes da mesma, o site não só brinca com a dicotomia entre realidade e ficção como também coloca em cheque a divisão entre jornalismo e humor/diversão. A seguir analisaremos alguns casos que exemplificam essas questões.

### **3 Isento de verdade**

Segundo Conceição e Domingos (2016), o site Sensacionalista “se utiliza de uma estrutura jornalística - que preza pela correta apuração dos fatos e divulgação de informações verdadeiras - para contar histórias fictícias, trazendo uma mensagem crítica”.

Essa característica do site – de usar informações verdadeiras para criar ficção simulando notícias, pode não caracterizar o site como jornalístico, mas certamente o caracteriza como informativo. É necessário um repertório anterior para a perfeita

compreensão da anedota. Continuamente os redatores brincam com esse repertório ou até mesmo com a falta de repertório por parte do leitor.

Exemplo disso é a matéria “Para 95% da população, ‘condução coercitiva’ é quando não se consegue descer do ônibus lotado”. A matéria surgiu a partir da informação veiculada pela mídia de que o ex-presidente Lula foi levado para depor na sede da Polícia Federal por suspeita de corrupção:

Além de prender e investigar os políticos e empresários corruptos do Brasil, a Polícia Federal foi responsável por um momento de aprendizado do povo brasileiro. Até a manhã de hoje, quando o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva amanheceu com agentes em sua casa e foi levado para depor, o Brasil convive com a expressão “condução coercitiva” – que significa que ele foi obrigado a ir depor na PF. (PARA..., 2016)

A matéria prossegue:

O Sensacionalista foi às ruas pesquisas se o brasileiro tinha alguma noção do que significava a expressão. E chegou ao seguinte resultado: para 95% da população, “condução coercitiva” era quando não se consegue descer do ônibus lotado. “Acontece todo dia comigo”, diz o assistente administrativo José Dias dos Santos, de 29 anos. “Eu vou todo apertado, meu ponto chega e, na hora de descer, é impossível. Acabou indo para cinco pontos longe do meu”, conta. (PARA..., 2016)

O primeiro ponto a destacar é que a piada só faz sentido se a pessoa está acompanhando o noticiário político, o que a levaria a entender o sentido de humor da chamada e a clicar no link.

Por outro lado, o humor surge justamente do fato da expressão, tornada famosa, ser desconhecida pela maioria da população, o que leva à conclusão – errônea e por isso mesmo humorística - de que condução coercitiva ocorra quando o ônibus está lotado e o passageiro não consegue descer no ponto – há aqui também um trocadilho entre condução (o ato de conduzir alguém) e condução (ônibus).

Em alguns casos, só é de fato possível entender a matéria se o leitor tiver o repertório do noticiário político atual, como no caso do texto: “Assinatura de deputado é tão falsa que já foi flagrada falando mal de amiga pelas costas, diz perícia”. (ASSINATURA..., 2016)

O título refere-se ao fato de que a assinatura do deputado federal Vinícius Gurgel foi usada para favorecer o presidente do congresso, Eduardo Cunha, em processo no conselho de ética e essa assinatura teria sido falsificada – aparentemente, o deputado não compareceu a uma das sessões e aliados de Cunha, provavelmente com anuência de Gurgel, falsificaram sua assinatura em um pedido de renúncia que favoreceria Cunha ao impedir que o suplente votasse.

Há aqui um jogo complexo, em que uma assinatura é personificada, ganhando status de ser humano – uma mulher tão falsa que fala mal das amigas pelas costas. O leitor, portanto, deve ter repertório tanto para entender a referência noticiosa quanto o jogo de linguagem e o humor surge exatamente da junção dessas duas instâncias – a compreensão da referência jornalística e o absurdo da personificação.

Em outras palavras: é um humor para poucos, que exige repertório para ser compreendido como humor. Talvez por isso, muitos fazem uma leitura literal das matérias do Sensacionalista, acreditando que os textos são reais. E isso tem acontecido inclusive com jornalistas, que publicam as anedotas como se fossem notícias reais.

Segundo o criador do site:

A gente acha engraçado quando acontece. No início eu ficava mandando e-mails para os jornais dizendo que era mentira etc. Muitos nem respondem. Decidi que não vou mais ficar perdendo tempo com isso. E agora tem acontecido bem menos, porque o site já está bastante conhecido. (apud CARVALHO, 2016).

Alguns casos famosos foram da mulher que engravidou vendo filme pornô 3D (compartilhado em sites de mais de 70 países) e “Casal gay é proibido de adotar surfista de 22 anos”, que chegou a virar pauta na RedeTV (a produção ligou para Nelito pedindo o contato do casal).

Mas o caso mais emblemático foi a notícia “Bancada gay lança projeto de lei para proibir casamento de evangélicos”, publicada em 2013. “A ‘notícia’ foi compartilhada por diversos blogs e portais evangélicos e chegou a render comentários do pastor e apresentador de TV Silas Malafaia, seguido por 824 mil pessoas no Twitter” (CARVALHO, 2016).

O deputado Jean Wyllys, que seria o autor do projeto fictício, teve que acionar a polícia contra portais que publicavam a notícia como sendo verdadeira.

A notícia dizia:

A bancada gay de deputados, liderados por Jean Wyllys, resolveu contra-atacar a bancada evangélica e lançou o projeto de lei que visa proibir casamentos entre evangélicos. Se aprovado, evangélicos não poderão se casar entre si. Segundo o deputado Rodnelsen Madrighal a medida é justa: “Eles são contra o casamento gay, então nós também somos contra o casamento evangélico. Evangélico não tem condições de criar um filho, olha no que dá, nascem coisas como Silas Malafaia e Marco Feliciano.”

A medida é polêmica e se aprovada poderá anular, inclusive, os casamentos evangélicos já realizados até agora. Para o pastor Álisson Amorim, a tentativa é absurda: “Eles não podem anular, pois para nós, o sexo só é permitido dentro do casamento e se for anulado, significa que nós não estávamos casados, ou seja, estávamos fazendo sexo fora do casamento com a própria esposa, logo estávamos em pecado!” (BANCADA..., 2016)

O deputado chegou a receber ameaças de morte por conta da notícia. Um homem chamado Márcio Damasceno publicou em seu perfil:

Eu falei do deputado federal endemoniado Jean. Se Deus não matar esse infeliz, eu mesmo vou matá-lo pessoalmente. Querem respeito desrespeitando as leis de Deus e os princípios da Bíblia Sagrada. Mas rapaz, quem vai virar homofóbico agora sou eu. (apud WYLLYS, 2016)

O deputado Jean Wyllys denunciou o caso à Polícia Federal que o encaminhou ao Ministério Público Federal. Em audiência, as duas partes chegaram a uma solução conciliatória: Márcio Damasceno deverá prestar serviços comunitários por oito meses, a razão de sete horas por semana, na Sociedade Viva, que cuida de homossexuais em situação de risco no município de São José de Mipibu, a 45 km de Natal.

Até hoje é possível encontrar pessoas comentando a notícia como verdadeira, mesmo com todos os desmentidos, e mesmo na página do Sensacionalista.

Exemplo disso é a reprodução no site Pavablog (que não trata a notícia como verdadeira, ao contrário, avisa que se trata de um texto do Sensacionalista). Alguns dos comentários:

Gabriel Cardoso Valim - Fazer uma Lei também, falo mal de evangélico é crime. Leva processo. Olho por olho, dente por dente.

Binho Snts - o povo não sabe mas o que inventar só quer saber de polêmica...pq eles não fazer uma lei pra crianças não passarem fome ..ou mas hospitais eetc..

Nayara Silva - Acredito que todos por lei devemos ter NOSSOS direitos.... Creio que já conseguiram o que queriam e isso já basta e os que não são cristão (ATEU) como ficam nisso? Querem se casa e não podem por lei de vocês? Mano vocês deveriam pensa com sabedoria e não pensa da forma imatura vamos preservar a nossa imagem e a das outras pessoas também né!!!!

Iara Souza - AAAAAAAAAAAhhhhh Desculpem-me o tom, mas esse povo quer é frescar!!! Tanta coisa para se propor/decidir e esses parlamentares ficam nessa putaria sem fim!!! Caramba!!! :-1 (BANCADA..., 2016b)

No próprio site Sensacionalista há comentários de pessoas que parecem acreditar na matéria:

Lemoel Mendes • Isso é Brasil! (Sou evangélico e não apoio Silas Malafaia nem Marco Feliciano. ) Pra início de conversa, o evangelho não tenta proibir casamento gay, apenas não concorda com base na crença. Segundo como um pessoa quer gerar um argumento com base em dois cidadãos?! Eu já perdi as esperanças na política brasileira.

Andresa Saad • Ao invés de perder tempo com coisas fúteis deveriam investir projetos na saúde,e na educação!

Raziel Madara • olha o tanto de comentario a favor dessa coisa escrota vai se fuder mano que país e esse tnc e uma pena nao ter no nosso e exercito brasileiro um adolf hitler..nao sou muito fã a reliagiao nao mais tb nao quero se governado por coisas escrotas como esse ai..antes do mimi sou ateu (BANCADA, 2016a)

Da mesma forma, em várias outras matérias sobre temas polêmicos, mesmo com a popularidade do Sensacionalista como site de humor, é comum encontrar comentários de pessoas que acreditam que a matéria se refere a um fato real.

#### 4 Conclusão

O site Sensacionalista transita numa linha fina entre a realidade e a ficção, o humorístico e o sério e demonstra como essas instâncias se tornam cada vez mais indistintas. Muitas pessoas simplesmente não consegue mais distinguir o ficcional do real, a piada da notícia real.

Ao brincar com essas instâncias, o site levanta questões importantes sobre a realidade atual. Mais do que isso. Levanta questionamentos sobre o papel do jornalismo nessa realidade. O lema “Isento de verdade” faz um trocadilho com o lema, formal ou informal de vários jornais, que alegam fazer um jornalismo isento. Ao apregoar uma isenção de verdade, o site coloca em xeque esse ponto de vista jornalístico, que constantemente se revela uma estratégia de acobertamento dos verdadeiros objetivos do veículo.

Entretanto, casos como do projeto de lei que proibiria o casamento entre evangélico e sua repercussão tão assombrosa a ponto de se tornar caso de polícia mostra que o Sensacionalista muitas vezes pode ser vítima de sua própria estratégia, tornando-se veículo para propagação de notícias falsas por parte de pessoas mal-intencionadas. Em suma: uma realidade complexa e preocupante em que o simulacro cada vez é tido como real.

#### Bibliografia

ASSINATURA de deputado é tão falsa que já foi flagrada falando mal de amiga pelas costas, diz perícia. Sensacionalista. Disponível em: <http://sensacionalista.uol.com.br/2016/03/09/assinatura-de-deputado-e-tao-falsa-que-ja-foi-flagrada-falando-mal-de-amiga-pelas-costas-diz-pericia/>. Acesso em: 15 mar. 2016.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BORGES, Rosane da Silva. **Ficção e realidade**: as tramas discursivas dos programas de TV. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-15072009-223157/pt-br.php>. Acesso em: 21 abr. 2014.

CARVALHO, Lucas. "Isento de verdade", site Sensacionalista brinca com o noticiário e faz sucesso na web. **Portal Imprensa**. Disponível em: <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/humor/69185/isento+de+verdade+site+sensacionalista+brinca+com+o+noticiario+e+faz+sucesso+na+web>. Acesso em: 08 mar. 2016.

BANCADA gay lança projeto de lei para proibir casamento de evangélicos. **Sensacionalista**. Disponível em: <http://sensacionalista.uol.com.br/2013/04/22/bancada-gay-lanca-projeto-de-lei-para-proibir-casamento-de-evangelicos>. Acesso em: 12 mar. 2016a.

BANCADA gay lança projeto de lei para proibir casamento de evangélicos. **Pavablog**. <http://www.pavablog.com/2013/04/25/bancada-gay-lanca-projeto-de-lei-para-proibir-casamento-de-evangelicos/>. Acesso em: 13 mar. 2016b.

CONCEIÇÃO, Ana Lígia Corrêa da; DOMINGOS, Adenil Alfeu. Site “Sensacionalista”: Relação Jornalismo e Humor em uma Perspectiva Semiótica. **Portal Intercom**. Disponível em: [http://www.portcom.intercom.org.br/pesquisaDetalhe.php?id=49960&query\\_final=KChzdGF0dXMgPSAnMScpIEFORCBNQRDSCAodG10dWxvLGF1dG9yLHBhbGF2cmFDaGF2ZSkqQUdBBSU5TVCAoJ3NlbnNhY2lvcnFsaXN0YSkgSU4gQk9PTEVBTiBNT0RFRkSkqT1JERVlqQlkgZGF0YUVkaWNhbyBERVND](http://www.portcom.intercom.org.br/pesquisaDetalhe.php?id=49960&query_final=KChzdGF0dXMgPSAnMScpIEFORCBNQRDSCAodG10dWxvLGF1dG9yLHBhbGF2cmFDaGF2ZSkqQUdBBSU5TVCAoJ3NlbnNhY2lvcnFsaXN0YSkgSU4gQk9PTEVBTiBNT0RFRkSkqT1JERVlqQlkgZGF0YUVkaWNhbyBERVND). Acesso em: 25 fev. 2016.

DEJAVITE, Fabia Angélica. **Infotimento**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GUTMANN, Juliana Freir ; SANTOS, Tiago E. F. do ; GOMES, Itania Maria Mot. Eles estão à solta, mas nós estamos correndo atrás. Jornalismo e entretenimento no Custe o que Custar. **Compós**. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/331/286>. Acesso em: 19 fev. 2011.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2001.

LE MOS, André. Arte eletrônica e cibercultura. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado. **Para navegar no século 21**. Porto Alegre: 2000, p. 225-243.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MELO, José Marques de. **Comunicação**: direito à informação. São Paulo: Papyrus, 1986.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa, Instituto Piaget, 1995, p. 81.

NUNES, Fábio Oliveira. **O fake na web arte**: incursões miméticas na produção em arte e tecnologia na rede internet. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio1/fabio\\_oliveira\\_nunes.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio1/fabio_oliveira_nunes.pdf). Acesso em: 02 jun. 2014.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. A teoria do jornalismo. In: SAAR, Cláudia Maria Arantes de Assis; OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de; SCHEIBE, Roberta. **Introdução ao jornalismo**. Macapá: UNIFAP, 2013.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. Identidades virtuais: um relato de experiência. **Portcom**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0265-1.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. Informação não precisa ser chata: jornalismo e humor na revista O Pávio. **Portcom**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0120-1.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2015.

PARA 95% da população, “condução coercitiva” é quando não se consegue descer do ônibus lotado. Sensacionalista. Disponível em: <http://sensacionalista.uol.com.br/2016/03/04/para-95-da-populacao-conducao-coercitiva-era-quando-nao-se-consegue-descer-do-onibus-lotado/>

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHABBACH, Leonardo. **Ficção e mídia na pós-modernidade: a busca por um processo reflexivo**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/mestrado/dissertacoes\\_2011.html](http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/mestrado/dissertacoes_2011.html). Acesso em: 19 maio 2014.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

WALTY, Ivete Lara Camargos. **O que é ficção**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

WYLLYS, Jean. Uma decisão exemplar da justiça em caso de calúnias e ódio homofóbico. **Carta Capital**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/uma-decisao-exemplar-da-justica-em-caso-de-calunias-e-odio-homofobico-7964.html>. Acesso em: 13 mar. 2016.